

Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Profissional: Desafios e Perspectivas

O ensino de língua inglesa no contexto da educação profissional e tecnológica: uma análise do plano de curso de Inglês Instrumental no curso técnico de administração

Fabio Cristiano Faria Melo

Centro Paula Souza - Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa – São Paulo – Brasil

fallen.archangel@hotmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma análise crítica sobre o plano de curso do componente curricular Inglês Instrumental dentro do contexto do curso modular de Administração, estabelecendo de que forma este plano reflete as competências a serem trabalhadas e como este plano pode ser aprimorado.

Palavras-chave: Inglês Instrumental, Administração, ESP, Competências, Plano de Curso

Abstract: This paper proposes a critical analysis on English For Specific Purposes course plan in a Business course context, with an overview about the Course Plan and how it works by competences and how to improve it.

Keywords: ESP, Business, Competences, Course Plan

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar no Plano de Curso estabelecido para o componente curricular de Inglês Instrumental no curso técnico modular

de Administração uma análise crítica das Competências, Habilidades e as Bases Tecnológicas exigidas e por quais razões elas se encontram desalinhadas com o que deveria ser uma proposta real de ensino de uma língua estrangeira em um curso técnico.

O Plano de Curso serve como orientador para os professores elaborarem o Plano de Trabalho Docente (PTD), com o propósito de planejar suas ações didáticas dentro do exigido pelas especificidades de cada curso técnico. Deveria, portanto, ter parâmetros norteadores mais claros, cuja nomenclatura fosse objetiva e refletisse quais aspectos deveriam ser trabalhados em sala de aula.

Deste modo, busca-se contextualizar o plano, baseando-se nos conceitos de Perrenaud sobre Habilidades e Competências, com o objetivo de verificar até onde o Plano de Curso realmente procurar oferecer as diretrizes para o trabalho do professor nessa perspectiva de trabalho. Constata-se, com essa comparação, que existe confusão entre esses dois conceitos e os conteúdos que serão trabalhados em sala de aula.

2. Referencial Teórico

A compreensão de uma língua estrangeira, dentro de um mundo globalizado tornou-se uma necessidade para todos os trabalhadores, pois lidam com um fluxo cada vez maior de informações e com tecnologias cada vez mais inovadoras, dependentes do entendimento pleno de seu funcionamento, além das relações comunicativas, como conversas ao telefone e e-mails.

Visando o público profissional que precisa aprender a língua inglesa como segundo idioma em suas áreas profissionais e também o ensino em um curto espaço de tempo, com a finalidade de serem dominados os conhecimentos básicos de uma língua estrangeira, desenvolveu-se a metodologia chamada ESP¹, que em língua portuguesa recebeu o nome de Inglês Instrumental. Scrivener (1994) explana que o nome dado a essa metodologia leva a alguns

¹ *English for Specific Purposes*, Inglês para Propósitos Específicos

problemas, pois cada estudante tem um objetivo específico particular na obtenção dos saberes da língua inglesa, desde a melhoria de seu currículo até o aprendizado como conquista pessoal, vinculado ao desejo de aprender este idioma.

Há uma diferença metodológica entre o ESP e o inglês ensinado nas escolas de nível fundamental e médio e nos centros de idiomas. Os alunos dos cursos técnicos e tecnológicos ficam em dúvidas a respeito dessa diferença, pois o ensino de língua inglesa parece ser limitado apenas ao ensino das estruturas gramaticais e do vocabulário geral. Scrivener (1994) divide os objetivos dos cursos regulares de inglês em *language skills*², as quais são nomeadas como: *produtivas*, divididas em fala e escrita; *receptivas*, divididas em leitura e escuta. Essa formação geral prescinde, portanto, as capacidades de ouvir o que alguém diz, compreensão de contextos, de inferências, de intenções, de referências, de pontos de vista, modalizações, ênfase etc, tais quais fazemos em nossa língua materna. Assim, os cursos regulares são comprometidos com um ensino mais abrangente e abstrato da linguagem, demandando muito mais tempo para a concretização de seu aprendizado.

Tem-se, conforme Diniz (2012), como características da modalidade instrumental: foco nas necessidades do aluno, devendo-se iniciar por elas; o emprego de materiais que contemplem a área de atuação do estudante; as estruturas ensinadas devem ser necessárias tanto para preencher as necessidades quanto transmitir conhecimentos necessários e úteis ao mercado de trabalho. Para tal, também se faz necessária a prática em sala de aula para o desenvolvimento de uma habilidade específica que, no caso do curso técnico de Administração, é a leitura.

Com o objetivo de auxiliar o trabalho docente, o Plano de Curso do Centro Paula Souza utiliza-se das Competências, Habilidades e Bases Tecnológicas, demonstrando que devem ser desenvolvidas aptidões nos alunos. Perrenoud (2000) estabelece que as Competências e Habilidades estão interligadas, sendo

² Optou-se por manter este termo no original em inglês, pois representa a capacidade criativa, imaginativa, operacional, além dos conhecimentos e práticas adquiridas ao longo da vida. Em língua portuguesa, o termo *habilidades linguísticas* mostra-se insuficiente para delimitar toda esta gama de significados.

que a primeira mobiliza a segunda, pois as habilidades só podem ser executadas quando determinadas competências são adquiridas, ao passo que as habilidades demonstram o domínio e a articulação das competências.

3. Método

O Inglês Instrumental ocupa-se de trabalhar apenas uma ou duas capacidades, alinhadas às necessidades profissionais do curso ao qual está inserido. Por conta disto, “[...] as leis da sociedade e do mercado exigem uma velocidade e versatilidade[...]” (TAKAKI, 2012, p. 973) muito grandes por parte dos trabalhadores, tornando o período para o aprendizado do inglês mais curto. Privilegia-se, deste modo, a leitura e a escrita, pois são as modalidades as quais se demanda menor tempo para o ensino e que precisam de menos recursos para serem trabalhadas em sala de aula, não havendo a necessidade de laboratórios específicos para o ensino destas habilidades.

Com essas especificidades em vista, quando se desenha um curso de Inglês Instrumental, considera-se quais as necessidades e os possíveis interesses de um grupo, não de um indivíduo em particular. E dentro destas necessidades, o ensino das estratégias de leitura é ressaltado, sendo necessária para o contato com as informações referentes às novas tecnologias e permitindo uma atualização mais rápida e constante do trabalhador, pois a língua inglesa possui alcance global e quase todos os conteúdos referentes às mudanças sociais e tecnológicas podem ser acessadas por uma pessoa cujo domínio da linguagem seja em sua forma básica.

Para que seja possível uma leitura por meio do ESP, algumas habilidades, descritas por Cordas (2014) precisam ser trabalhadas, como convenções, esquemas, repetições, previsões e significados. As *convenções* são dadas pela área a qual se destina a modalidade instrumental, com suas nomenclaturas padronizadas, siglas e, em alguns casos, nomes de empresas e medidas mais comumente usadas. O conhecimento de determinados *esquemas* permite ao leitor comparar gêneros textuais, como panfletos, manuais de instrução, e-mails

e memorandos e, por aproximação, identificar as informações essenciais e quais os vocabulários mais comumente empregados naquele tipo de texto. Em um texto longo ocorrem sistematicamente *repetições*, com o intuito de reforçar a importância de uma ideia ou de uma informação. A *previsão*³ dos assuntos é importante quando se necessita ler textos de variadas fontes e não se tem muito tempo de verificar atentamente todos os materiais encontrados, a fim de encontrar aquele que seja mais adequado ao seu trabalho. E no campo dos *significados* reside a forma como as informações serão agrupadas na mente do leitor.

4. O plano de curso de Administração: um olhar crítico

O Centro Paula Souza, por meio dos seus planos de curso, estabelece quais os componentes curriculares devem ser integrados ao ensino de um determinado curso técnico e é cada vez mais comum a presença do Inglês Instrumental. Isto ocorre porque existe o “[...] desafio de preparar um novo profissional mais qualificado e em constante aperfeiçoamento” (PETEROSI, 2014, p. 25). O domínio da língua inglesa, ainda que de forma mais simplificada, aumenta as possibilidades desse aperfeiçoamento profissional e torna o trabalhador mais qualificado e mais apto a concorrer às vagas de emprego.

Na realidade do curso técnico de Administração existe uma modalidade especial de ensino de língua inglesa chamada de *Business English*, com diversos títulos no mercado dedicados a ensiná-la. Dentro dessa abordagem, Scrivener (1994) divide os cursos existentes em *Pre-experiences*, *In-service*, *In-company* e *one-to-one*⁴. Destas, apenas a modalidade *in-service* não é muito comum no Brasil, pois não existe a necessidade de ensinar inglês enquanto a pessoa está trabalhando.

³ Esta prática, chamada também de *prediction* em alguns sites, consiste também em concluir ideias a partir de algumas informações básicas, tais como palavras-chave, imagens, gráficos etc.

⁴ No Brasil, com exceção da modalidade de *Pre-experience*, todas as outras formas são oferecidas por empresas especializadas e, raramente, por escolas livres de língua inglesa, sendo a *In-company*, a mais comum.

A modalidade empregada nos cursos técnicos de administração e registrada no plano de curso é a de Pre-experiences, pois atende a um público que será capacitado para exercer um determinado trabalho e não dentro da empresa onde efetivamente trabalha. Questões como linguagem técnica, vocabulário e textos gerais da área de administração são trabalhadas com a finalidade de, segundo Scrivener, dar uma “[...] introdução ao mundo dos negócios [...], para estudantes que não tenham nenhuma experiência na área” (1994, p. 312).

Esta inserção atende a um postulado da sociedade do conhecimento, que é a de aumentar o potencial de empregabilidade do estudante por meio da formação continuada, para o “[...] desenvolvimento de uma cultura científica e tecnológica” (MENINO, 2014, p.74). Isto promove “[...] as capacidades dos indivíduos, bem como a sua empregabilidade e produtividade. “ (PNUD, 2014), tornando-os menos vulneráveis ao desemprego e também a sua marginalização no mercado de trabalho.

O plano de curso do Centro Paula Souza é formatado seguindo as concepções de Competências, Habilidades e Bases Tecnológicas. Segundo Perrenaud (2000) as competências são as mobilizações cognitivas de saberes, informações, etc, na resolução de problemas e de situações. As habilidades são as capacidades observáveis que o estudante deve demonstrar ser capaz de realizar, tais como utilizar a língua inglesa e selecionar termos. E as bases tecnológicas são dadas como o conteúdo geral a ser trabalhado durante as aulas, nas quais, em conjunto com as habilidades, permitirão ao estudante adquirir e desenvolver as competências associadas.

Logo abaixo segue o modelo de plano de curso de Inglês Instrumental do curso técnico de Administração do Centro Paula Souza, descrito no quadro 1:

Quadro 1 - Descrição das Competências, Habilidades e Bases Tecnológicas do Plano de Curso de Administração

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES	BASES TECNOLÓGICAS
--------------	-------------	--------------------

<p>1. Identificar a aplicação da língua inglesa em processos de comunicação administrativa e empresarial.</p> <p>2. Compreender o conteúdo de documentos escritos em língua inglesa.</p> <p>3. Identificar a utilização da língua inglesa na aplicação de negociação comercial com países estrangeiros.</p> <p>4. Reconhecer a língua inglesa com diferencial em negociação com empresas estrangeiras e nos processos administrativos de exportação e importação</p>	<p>1.1. Utilizar a língua inglesa nas atividades administrativas e empresariais.</p> <p>1.2. Aplicar as estratégias de leitura na compreensão de textos da área.</p> <p>1.3. Comunicar-se, oralmente e por escrito, em língua inglesa.</p> <p>2.1. Selecionar e utilizar termos da língua inglesa para análise de relevância.</p> <p>3.1. Realizar negociações em língua inglesa por meio de documentos escritos ou comunicação oral.</p> <p>4.1. Aplicar a língua inglesa em processos de elaboração e interpretação de documentos.</p> <p>4.2. Aplicar e diferenciar a aplicação de adjetivos e advérbios na língua inglesa nos processos/textos administrativos</p>	<p>1. Técnicas de leitura instrumental. Leitura rápida (skimming); leitura com objetivo (scanning); leitura seletiva (prediction).</p> <p>2. facilitadores de leitura: cognates, repeated words, typographical evidences and use of dictionary – texts for comprehension</p> <p>3. Terminologia básica da área técnica (Business Vocabulary)</p> <p>4. Simple Present Tense (active and passive).</p> <p>5. Simple Past Tense (active and passive).</p> <p>6. Simple Future Tense.</p> <p>7. Simple Conditional Would.</p> <p>8. Produção textual (writing: e-mail, requerimento, cartas, currículo profissional, aviso, relatório).</p> <p>9. Word Formation: Suffixes and Prefixes. Texts for comprehension</p>
--	--	---

Fonte: GFAC 2013

Analisando a tabela acima é perceptível a existência de uma confusão entre o que são as competências e habilidades a serem desenvolvidas com o aluno durante as aulas, além da definição de bases tecnológicas que muitas vezes não se alinham com as necessidades do curso ou mesmo da profissão, dificultando o processo de elaboração das aulas. Isto também atrapalha a melhor escolha e elaboração de materiais que sejam relevantes para as aulas.

As competências 1 e 4 dizem respeito a uma dimensão ligada ao próprio escopo da inserção do componente inglês dentro daquilo que ele precisa aprender. Não são passíveis de serem ensinadas, tampouco podem ser conectadas a um grupo de habilidades e de processos cognitivos, dado o seu caráter pouco objetivo. A competência 2 é a única cujo objetivo é claro e preciso com relação a uma competência a ser trabalhada, pois pode ser relacionada com todas as habilidades sugeridas pelo plano de curso. A competência 3 não se mostra possível, pois não está alinhada com o que Scrivener (1994) aponta como habilidades a serem trabalhadas em cursos de inglês voltados à área de negócios.

As competências deveriam ser trabalhadas, conforme descrito por Perrenoud (2000), com a mobilização de saberes, de conhecimentos, de diversas capacidades e da própria experiência do aluno, com o intento de dar-lhe subsídios para a aquisição de novos saberes. E as bases tecnológicas não trazem conteúdos a serem trabalhados e, quando o trazem, não estão alinhadas a um propósito específico, pois o plano de curso tem no seu cerne a função de orientar as práticas docentes, colocando quais aspectos a serem trabalhados no componente que sejam importantes para o mercado de trabalho

5. Considerações

O Inglês Instrumental é essencial na educação profissional e tecnológica, pois é por meio dele que o estudante irá ter o seu diferencial, além de permitir a ele possibilidades maiores de atualização e de estudo, tendo acesso a diversas informações em periódicos da área, constantemente atualizados.

Entretanto, faz-se necessária uma mudança no plano de curso no que tange o componente, tendo em vista o pouco tempo disponível para as aulas, a possibilidade dos estudantes não serem trabalhadores que estejam inseridos na área administrativa e que permita a ele, enquanto aprende o idioma, consiga também compreender como o mercado de trabalho funciona, quais as possibilidades de trabalho na profissão e, acima de tudo, como contemplar de forma plena uma formação que o insira nos requisitos desejados pela sociedade do conhecimento.

Referências

CORDAS; Durval. **A leitura na formação técnica**. São Paulo. Centro Paula Souza, 2014.

DINIZ, Deize Fernandes. **Crenças sobre ensino/aprendizagem no ensino instrumental de línguas**. Santa Maria, 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Linguística, da Universidade Federal de Santa Maria.

GFAC, Grupo de Formulação e Análises Curriculares. **Habilitação Profissional Técnica De Nível Médio De Técnico Em Administração**. São Paulo, Centro Paula Souza, 2013.

MENINO, Sérgio Eugenio. **Educação Profissional e Tecnológica na Sociedade do Conhecimento**. São Paulo. Centro Paula Souza, 2014.

PERRENOUD, P. “Construir competências é virar as costas aos saberes?” In: **Revista Pátio**, Porto Alegre: ARTMED, ano 03, nº 11, jan. 2000 (p. 15-19)

PETEROSSO, Helena Gemignani. **Subsídios ao estudo da Educação Profissional e Tecnológica**. 2ª Edição, São Paulo, Centro Paula Souza, 2014.

SCRIVENER, J. **Learning teaching: a guidebook for English language teachers**. Oxford: Heinemann Publishers (Oxford) Ltd., 1994.

TAKAKI, Nara Hiroko. Contribuições de teorias recentes de letramentos críticos para inglês instrumental. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte , v. 12, n. 4, p. 971-996, 2012 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982012000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 8 de julho de 2015.